

A IMPOSSIBILIDADE ESTRUTURAL DO 'ÓCIO CRIATIVO' SOB A ACUMULAÇÃO FLEXÍVEL DO CAPITAL: estudo crítico da obra de Domenico De Masi

Jean Henrique Costa¹

Mossoró, RN, Brasil

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Hionne Mara da Silva Câmara²

Mossoró, RN, Brasil

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

RESUMO: O presente ensaio tem caráter teórico-bibliográfico, onde revisa-se criticamente parte da obra do sociólogo italiano Domenico De Masi. Seu conceito de *ócio criativo* alia três atividades em um só tempo: trabalho, educação e lazer. De Masi considera que o ócio criativo será a forma dominante de vivência do cotidiano para aqueles que terão êxito nas sociedades pós-industriais, que têm como centro a produção de serviços, com foco na criatividade, emotividade e se busca uma nova educação, para o tempo livre, ao invés de ser hegemonicamente para o trabalho. Diante disso, surgem alguns questionamentos críticos que fazem perceber que a sociedade talvez não esteja vivenciando esta nova forma de trabalho proposta pelo autor italiano. Seria possível viver o ócio criativo diante das atuais mudanças vigentes no mundo do trabalho, que o tornam cada vez mais flexível, precário e incerto? As novas formas de trabalho vêm mostrando que cada vez mais pessoas estão desempregadas, gerando, então, a susceptibilidade para tipos de trabalho flexíveis, instáveis, desgastantes e sob condições precárias. Levando-se em consideração esta realidade do mundo do trabalho de acumulação flexível do capital, o ócio criativo de De Masi torna-se estruturalmente uma promessa irrealizável. Eis o eixo central deste ensaio.

¹ Professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN (Adjunto IV com Dedicção Exclusiva). Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas (PPGCISH/UERN). Doutor em Ciências Sociais (PGCS/UFRN); Mestre em Geografia (PPGe/UFRN); Especialista em Demografia (DEST/UFRN); Licenciado em Ciências Sociais (DCS/UFRN); e Bacharel em Turismo (UNP). Líder institucional do Grupo de Pesquisas em Lazer, Turismo e Trabalho (GEPLAT/UERN). Fundador e editor da Revista Turismo: Estudos e Práticas (RTEP/UERN). Emails: jeanhenrique@uern.br; prof.jeanhenriqucosta@gmail.com

² Bacharel em Turismo (UERN). Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas – PPGCISH-UERN. E-mail: hionnemara@gmail.com

Palavras-chave: Trabalho. Tempo livre. Ócio Criativo. Lazer.

THE STRUCTURAL IMPOSSIBILITY OF THE 'CREATIVE IDLENESS' UNDER THE FLEXIBLE CAPITAL ACCUMULATION: critical study of Domenico De Masi's work

ABSTRACT: The present essay has a theoretical-bibliographical character, where it is visited and reviewed part of the work of the Italian sociologist Domenico De Masi. His concept of *creative idleness* allies three activities in the same time: work, education and leisure. The author considers that the creative idleness will be the dominant form of daily living for those who will be successful in the post-industrial societies, which have as center the production of services, with focus on creativity, emotionalism and it is sought a new education, for the spare time, instead of being in a hegemonic way for work. To this idea arise diverse critical questions, that makes us realize that society might not be yet living this new form of work proposed by the Italian author. Would it be possible to live the creative idleness facing the current changes in the world of work that make it more and more flexible, precarious and uncertain? The new forms of work show that the number of unemployed people is increasing, generating, thus, the susceptibility for kinds of flexible, stressful work, with precarious conditions. Considering this reality of the flexible capital accumulation's world of work, the creative idleness of De Masi becomes structurally an unattainable promise. Here is the central axis of this essay.

Keywords: Work. Spare time. Creative Idleness. Leisure.

LA IMPOSIBILIDAD ESTRUCTURAL DEL 'OCIO CREATIVO' BAJO LA ACUMULACIÓN FLEXIBLE DEL CAPITAL: estudio crítico de la obra de Domenico De Masi

RESUMEN: El presente ensayo tiene carácter teórico-bibliográfico, donde visita-se y revisa-se parte de la obra del sociólogo italiano Domenico De Masi. Su concepto de *ocio creativo* alía tres actividades en un solo tiempo: trabajo, educación y recreo. El autor considera que el ocio creativo será la forma dominante de vivencia de lo cotidiano para aquellos que tendrán éxito en las sociedades pos-industriales, que tienen como centro la producción de servicios, con foco en la creatividad, emotividad y se busca una nueva educación, para el tiempo libre, en lugar de ser hegemónicamente para el trabajo. A esta idea surgen cuestionamientos críticos diversos, que

hacen percibir que la sociedad quizás aún no estaría vivenciando esta nueva forma de trabajo propuesta por el autor italiano. ¿Sería posible vivir el ocio creativo delante los actuales cambios vigentes en el mundo de trabajo que toman cada vez más flexible, precario e incierto? Las nuevas formas de trabajo vienen mostrando que cada vez más personas están desempleadas, generando, entonces, la susceptibilidad para tipos de trabajos flexibles, desgastantes y con condiciones precarias. Llevándose en consideración esta realidad del mundo de trabajo de acumulación flexible del capital, el ocio creativo de De Masi tornase estructuralmente una promesa irrealizable. He aquí el eje central de este ensayo.

Palabras-clave: Trabajo. Tiempo libre. Ocio Creativo. Ocio.

INTRODUÇÃO

Proponho valorizar o tempo livre por meio de atividades que não custam nada do ponto de vista monetário. Quanto custa a amizade? Quanto custa o amor? Quanto custa divertir-se alegremente com os companheiros? Quanto custa aventurar-se na política e na sociedade? [...] E proponho também transformar o trabalho em divertimento e estudo. Proponho trabalhar de maneira que, enquanto produzo riqueza, possa produzir também alegria e aprendizagem. Isso eu entendo como 'ócio criativo' (DE MASI, 2002, p. 91-92).

A obra do cientista social italiano Domenico De Masi tem tido significativa recepção acadêmica desde o final dos anos 1990, inclusive no Brasil. Autor do reconhecido ensaio *O Ócio Criativo*, De Masi tem se destacado como pensador do trabalho e do tempo livre. O intitulado *L'ozio creativo*, publicado originalmente em 1995, entendido como o 'encontro' cotidiano entre trabalho, estudo e jogo (DE MASI, 2000a), muito tem se difundido como forma de pensar as novas possibilidades presentes nos mundos do trabalho, do lazer e da educação. Desenvolve-se basicamente em De Masi a ideia de que o futuro será daqueles indivíduos que vivenciam o ócio criativo, isto é, quem conseguir se libertar da tradicional noção de trabalho como mera obrigação e for capaz de, cotidianamente, mesclar trabalho, educação e lazer.

De Masi nasceu em 1938 na Itália, onde reside e trabalha como professor de sociologia do trabalho. Em suas obras, pode-se deparar com dois eixos centrais que o autor defende: o de que se vive atualmente em uma sociedade pós-industrial e que essa sociedade deverá ter como foco, progressivamente, atividades criativas. A partir desse pensamento, De Masi organiza o conceito de ócio criativo, onde os tempos sociais de trabalho, jogo e educação procuram se fundir. Prospectivamente, De Masi observa que o ócio criativo será o estilo de vida de grande parte dos trabalhadores, ou seja, o estilo de vida em um futuro efetivamente pós-industrial.

Apesar da expansão do capital acadêmico *demasiado*, percebe-se, como norte central deste ensaio, uma carência crítica – em parte substantiva dos estudos brasileiros – na forma como sua obra vem sendo problematizada. Eis o problema deste estudo, que objetivou realizar um exame crítico de sua obra, buscando apontar alguns de seus limites – teóricos e práticos – e possibilidades para se pensar atualmente os mundos do trabalho e do lazer. Trata-se de um ensaio exploratório, resultado parcial de nossas primeiras investigações.

O CONCEITO-CHAVE: DOMENICO DE MASI E O ÓCIO CRIATIVO

Em sua obra *O Ócio Criativo* (2000a), resultado de uma entrevista à Maria Serena Palieri, Domenico De Masi afirma que o ócio criativo não significa estar sem fazer nada. Cita como exemplo filósofos da Grécia Antiga que, ao ‘ociarem’ estavam, na verdade, produzindo ideias, isto é, exercendo atividades criativas.

Princípios de ‘criatividade’ no mundo do trabalho De Masi já percebe em algumas empresas que dão certa ‘liberdade’ funcional aos seus trabalhadores, tornando o ambiente de trabalho mais confortável e menos extenuante fisicamente, sem aquele excedente de procedimentos burocráticos das empresas que Taylor e Ford defendiam como princípios para a eficiência do trabalho (DE MASI, 2000a).

Para De Masi, nas denominadas sociedades industriais as pessoas dedicavam boa parte de suas vidas ao trabalho; porém, esta realidade, para o autor, estaria tomando outras proporções, onde o tempo que antes era destinado ao trabalho hoje estaria sendo compartilhado com outras ocupações para além deste (DE MASI, 2000a). O autor percebe, pois, a expansão de atividades distintas (lúdicas, educativas, etc.) nos diversos tempos sociais, pelo próprio esgotamento do trabalho como algo obrigatório e pela busca de sentido fora do mundo do trabalho. De Masi (2000a) alerta, então, que é preciso ensinar desde cedo que o trabalho como obrigação encurta as capacidades criativas do ser humano e que o trabalho por prazer permite que essas capacidades sejam afloradas.

Ao falar sobre a categoria ‘emprego’, ainda em *O ócio criativo*, o autor afirma que “o único tipo de emprego remunerado que permanecerá disponível com o passar do tempo será de tipo intelectual criativo” (DE MASI, 2000a, p. 105), e aqueles não preparados para este tipo de ocupação terão dificuldades no mundo do trabalho.

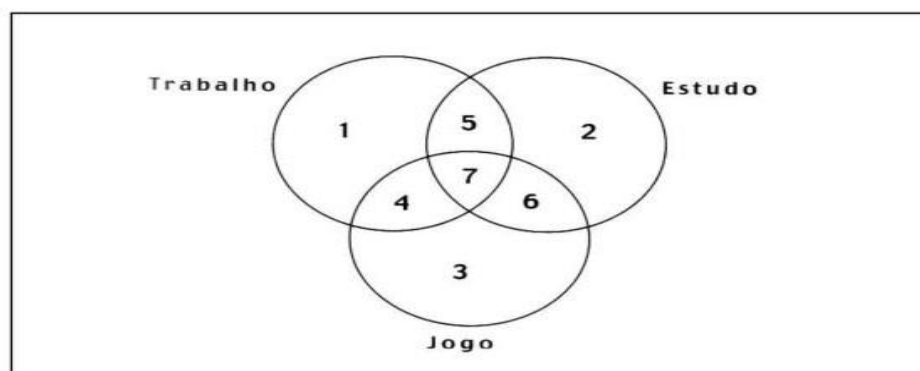
Quanto ao tempo livre, este foi ‘separado’ do tempo de trabalho com o surgimento do capitalismo e, principalmente, da grande indústria. Foi com o advento da grande indústria que o trabalho assumiu sua importância estrutural, tornando-se a categoria predominante na vida

humana, inclusive em relação à família, estudo, tempo livre... (DE MASI, 2000a). Mesmo assim, De Masi consegue problematizar tipos de trabalho que conseguem, hoje, semelhante ao trabalho do camponês ou do artesão pré-capitalista, manter trabalho, educação e diversão como atividades simultâneas (ocupações criativas).

Em termos didáticos, trabalho, estudo e jogo são os três tempos sociais priorizados por De Masi, abordados sistemicamente, onde existem diversos tipos de vivências, como o trabalho que exige muito fisicamente da pessoa e não traz benefícios educacionais ou diversão (número 1 na figura abaixo), o trabalho que pode ser considerado divertido, mas não necessariamente educa (número 4), os experimentos científicos (número 5), atividades educativas onde não há possibilidade de diversão (número 2), onde há (número 6), as formas de lazer que não possuem relação com o trabalho ou educação (número 3) e a possibilidade ideal para o autor, “quando nela coincidem, se acumulam, se exaltam e se mesclam o trabalho, o estudo e o jogo (área 7)” (DE MASI, 2000a, p. 153), que seria o que o autor entende por ócio criativo.

Figura 1

Relação trabalho-estudo-jogo



Fonte: DE MASI, 2000a, p. 152.

Em *O Futuro do Trabalho* (2000b), De Masi faz um apanhado histórico do mundo do trabalho, analisando cada etapa que se passou até as sociedades atuais para, então, fazer previsões sobre como serão as formas de trabalho no futuro. Nesta obra, ele afirma que “a capacidade criativa pode ser incrementada apenas através de uma reavaliação do ócio, que permite regenerar a mente assim como a inércia física regenerava os músculos” (DE MASI, 2000b, p. 250-251). Há, nesta questão, a constatação de certa divisão dos tempos sociais (tempo de trabalho x tempo de não-trabalho). O autor tenta trazer ainda soluções para o que ele considera um problema central que ficou estagnado nas sociedades industriais: o trabalho como mera obrigação da vida do homem, problema este estrutural:

Hoje, o principal obstáculo à libertação humana da escravidão do trabalho não vem tanto dos atrasos da tecnologia como dos atrasos da cultura: por motivos de imediata praticidade mas, sobretudo, pela defasagem cultural e por uma resistência às mudanças tanto mais misteriosa quanto mais tenaz e autoflagelante, o homem tende a subutilizar as oportunidades de repouso que ele mesmo criou para si com a sua fértil inventiva (DE MASI, 2000b).

Na obra *Economia do ócio* (2001) De Masi menciona *O Futuro do Trabalho e O Ócio Criativo* para falar da revolução vivida na passagem da sociedade industrial para a que ele acredita que se vive hoje: a pós-industrial. De Masi organiza esta obra fazendo sua introdução e utilizando dois textos clássicos acerca das teorias do tempo livre, que são *O elogio ao ócio*, de Bertrand Russell e *O direito à preguiça*, de Paul Lafargue. O objetivo da obra foi reforçar a ideia de De Masi de que é necessário voltarmos para outros tempos sociais além do trabalho.

Em suma, o ócio criativo configura-se nas atividades em que acontecem, simultaneamente, o trabalho, a diversão e o aprendizado, e para De Masi, essa é uma tendência para o futuro do trabalho nas sociedades pós-industriais, levando-se em consideração que as formas de trabalho prezam cada vez mais por atividades criativas e menos físicas. De Masi acredita, ainda, que um dos desafios a ser superado nas sociedades atuais é o da centralização do mundo do trabalho, ao invés de o lazer, ou o tempo livre serem a força motriz: “preocupam-se em prepará-lo para uma profissão, mas ninguém se preocupa em prepará-lo para o ócio” (DE MASI, 2000b, p. 11).

A BASE PARA O ÓCIO CRIATIVO: OS ‘SENTIDOS’ DE UMA SOCIEDADE PÓS-INDUSTRIAL

Para De Masi, atualmente vivemos a expansão do que se denomina sociedade pós-industrial, tendo como pilar organizativo as formas criativas de trabalho e a produção de bens imateriais como “serviços, informações, símbolos, valores e estética” (DE MASI, 2001, p. 11). O uso do tempo livre é o que importará nessa nova sociedade, determinando o destino não só cultural, mas econômico (DE MASI, 2001).

A divisão do trabalho capitalista – e, com ela, a expansão da produção industrial – foi o instrumento que possibilitou a separação entre tempo de trabalho e tempo livre. Durante dois séculos a sociedade industrial nos transformou em operários submetidos a um ritmo de produção cada vez mais acelerado. Tivemos que nos adaptar e criamos mitos e ritos, começando pela divisão do trabalho e do tempo livre, partindo para a submissão das mulheres encarregadas das atividades domésticas e dos homens enclausurados nas fábricas por extensas horas de trabalho

(DE MASI, 2000b).

No trabalho artesanal, por exemplo, trabalho e vida social aconteciam simultaneamente (DE MASI, 2000a). O capitalismo terminou por dizer, ao impor um trabalho sem sentido para a grande massa, quando devemos ser felizes ou não. A obra demasiana passa a ser, então, um manifesto a favor de uma sociedade pós-industrial. Em sua obra *A Emoção e a Regra* (1999a), De Masi fala que o advento da sociedade pós-industrial seria “capaz de exaltar a dimensão criativa das atividades humanas, privilegiando mais a cultura do que a estrutura” (DE MASI, 1999a, p.13).

Como já dito antes, um dos pontos mais destacados da passagem de sociedade industrial para a pós-industrial é a mudança do foco de produtividade de bens para produção de serviços.

Inicialmente, quero dizer o que entendo por sociedade industrial e por sociedade pós-industrial. Industrial é uma sociedade em que o centro do sistema é ocupado pela produção em larga escala de bens materiais (automóveis, eletrodomésticos, etc.) e em que o poder, conseqüentemente, está nas mãos dos empresários industriais. A sociedade pós-industrial, ao contrário, é aquela em que o poder está na produção dos bens imateriais, isto é, das informações, dos serviços, dos símbolos, dos valores da estética (DE MASI, 2002, p. 40).

Em síntese, o pós-industrial, de acordo com De Masi (1999b), seria:

[...] uma economia harmônica em que a agricultura, a indústria e o setor terciário funcionam conjuntamente a altíssimos níveis tecnológicos, em que o cerne do sistema – admitindo-se que ainda exista um cerne – é ocupado pela produção de bens imateriais (informações, símbolos e valores), em que a ciência se incumbe de oferecer à humanidade os meios para um desenvolvimento nunca antes alcançados no decorrer de sua história, em que a estética se incumbe de oferecer momentos de gozo intelectual, em que as ocupações alienantes podem ser delegadas às máquinas dentro e fora da instalação fabril, em que cabe à política projetar novos sistemas sociais baseados também no tempo livre e no ócio criativo (DE MASI, 1999b, p. 68).

Para De Masi (2000a), os primeiros sinais da sociedade pós-industrial começaram a surgir discretamente ainda na sociedade industrial, e as esferas da arte e da ciência foram escolhidas como potenciais que teriam sido desperdiçados pela indústria. Avançando, discute ainda que, nas sociedades pós-industriais, a busca por uma oportunidade de trabalho terá cada vez mais êxito segundo as habilidades intelectuais, científicas ou artísticas do pretendente à vaga, tendo desta forma que trabalhar com desenvoltura para atender às necessidades cada vez mais singulares dos clientes/consumidores (DE MASI, 2000a). Completa ainda que a sociedade pós-industrial necessita da criatividade e inovação, e não da burocratização e inércia da sociedade industrial. Diante da divergência ele afirma que a criatividade prevalecerá (DE MASI,

2000a).

O autor escreveu, nos anos 1980, *A sociedade pós-industrial*, onde organizou uma compilação de artigos com diferentes nomes acerca do tema proposto. Na ocasião, dissertou positivamente acerca da sociedade pós-industrial:

O que contribui para uma visão otimista da sociedade pós-industrial é a ideia de que, no futuro, será atribuída uma importância maior à melhoria qualitativa do que ao crescimento quantitativo; o trabalho perderá a brutalidade da fadiga física, será reduzido, acabará se confundindo com o lazer; o nível de escolaridade e do saber difundido entre os cidadãos se elevará cada vez mais; o aperfeiçoamento das técnicas de previsão e de programação reduzirá a ansiedade em relação ao futuro; a miniaturização dos instrumentos técnicos e das organizações sociais colocará as pessoas à vontade diante do progresso, cada vez mais administrável e fruível; sobretudo, aumentarão as possibilidades de escolha no que se refere ao trabalho, aos objetos, ao divertimento, às fontes de informação (DE MASI, 2000c, p. 55).

De Masi demonstra, através do trecho acima, uma visão – em demasia – otimista sobre a sociedade pós-industrial. Já podemos, de antemão, desconstruir seu otimismo e traçar algumas possíveis inconsistências teóricas.

A qualidade (de vida) no trabalho, dada pelo avanço quantitativo das ocupações menos físicas (mais criativas/intelectualizadas), é a primeira melhoria observada por De Masi, que encontra aí uma das maiores diferenças entre o que vivemos hoje na suposta sociedade pós-industrial e o que se vivia na sociedade industrial. Como destaca De Masi, a produtividade estará mais focada na questão intelectual/criativa. É fato que o aumento do nível de escolaridade seja um benefício para as sociedades; entretanto, novas formas de trabalho (flexíveis) não necessariamente exigirão alto grau de formação. Além disso, “a multiplicação de indivíduos que ocupam na sociedade uma posição de supranumerários, ‘inempregáveis’, inempregados ou empregados de um modo precário, intermitente”, não deixará de crescer (CASTEL, 2008, p. 21).

Segundo De Masi, o Taylorismo, por exemplo, veio libertar o homem de uma forma de trabalho precária: “Na realidade, o projeto organizacional e existencial de Taylor, a longo prazo, não tende absolutamente a tornar mais cruel o trabalho, mas sim a liberar as pessoas do cansaço e a lhes permitir um lazer criativo” (DE MASI, 2000a, p. 52). Entretanto, destacamos aqui que o fato de o trabalho físico fatigante poder ser diminuído cada vez mais, não necessariamente implicará que o trabalhador estará confundindo seu tempo de trabalho com o lazer, como acredita De Masi.

Para De Masi, uma das maiores vantagens da sociedade pós-industrial seria o aumento de possibilidades, seja dentro do mundo do trabalho – especialmente por haver opções em que se explore a criatividade – seja nas formas de lazer e fontes de informação. A

acessibilidade à comunicação é um fator de extrema importância nas sociedades atuais, onde “ao invés da falta de informação, o problema dominante passa a ser a escolha da informação adequada à questão que se coloca” (CAMARGO, 1998, p. 35). Contudo, e já podemos avançar mais no exame crítico, De Masi parece negligenciar a premissa básica de que uma sociedade do conhecimento não significa, necessariamente, uma sociedade de conhecedores (TÜRCKE, 2008). A semiformação, em alemão *Halbbildung* (ADORNO, 1966) mais deseduca do que educa.

Para De Masi (1999b) a organização capitalista do trabalho tende a segregar a população em duas esferas, onde um lado é submetido a fatigantes horas de trabalho e o segundo se torna excluído, tendo em vista que o trabalho é sua garantia de dignidade e o mesmo lhe é negado. O autor atenta para o crescimento desta massa de desempregados que ao passar dos anos pode vir a ser a grande maioria da população (DE MASI, 1999b). Ao mesmo tempo que o autor possui uma visão realista quanto ao desemprego, enxerga o ócio criativo – consequência de uma educação para o tempo livre – como solução para suprir os problemas pelos quais o mundo do trabalho passará.

De Masi (2000b) cita uma pesquisa feita por Henri de Man entre os anos de 1924 e 1926, onde o pesquisador procurou compreender o que motivava a satisfação e a insatisfação pelo trabalho. Fizeram parte da pesquisa ferroviários, tipógrafos, cigarreiros, quebradores de pedra, mineiros, jardineiros e etc. No final da sua pesquisa, o estudo diagnosticou que todos buscavam de maneira involuntária a alegria em seus trabalhos, porém, os transtornos e obstáculos causados pela organização capitalista do trabalho os impediam. Esta alegria, para De Masi, seria possibilitada pela existência de ocupações criativas. O autor explica ainda que entre as habilidades que os seres humanos podem desenvolver com o cérebro, as mais estimadas são as atividades que envolvem a criatividade, pois até mesmo as tarefas feitas de maneira contínua, sejam elas intelectuais ou manuais, podem ser substituídas por máquinas. O autor completa dizendo que mesmo possuindo tecnologia de ponta as máquinas não serão capazes de superar o ser humano na criatividade (DE MASI, 2000a).

Essa potencial liberação do trabalho, ao contrário do desemprego, de acordo com o autor, permitirá que o indivíduo viva de forma mais livre, valorizando diferentes formas de criatividade, da estética, da autonomia, etc., maximizando desta forma a qualidade de vida e a realização pessoal (DE MASI, 1999b).

Em seu livro *Desenvolvimento sem trabalho* (1999b), diz que quando nos conscientizarmos que o nosso tempo livre é mais importante que a quantidade de dinheiro que utilizamos para sustentar o capitalismo; que os momentos vividos de forma independente são mais importantes que o tempo desperdiçado em consumo de bens, enfim as adversidades do

emprego e desemprego tomarão outros rumos, e a exaustão do trabalho se diluirá até a sua liberação. Em *O Futuro do Trabalho*, De Masi deixa claro seu ponto principal:

A tese fundamental deste livro é que o problema injusto e terrível do desemprego só pode ser vencido adotando-se todas as soluções disponíveis, criando novos postos de trabalho apenas se forem realmente úteis, reduzindo drasticamente o horário quando se trata de cargos executivos e desestruturando-o sempre que sua natureza o permitir (DE MASI, 2000b, p. 20).

Como adendo prescritivo, para o autor, as organizações produtivas poderiam tomar proveito das vantagens oferecidas da era pós-industrial que possibilita direcionar aos computadores todo o tipo de atividade repetitiva, racionalizável ou que possa vir a ser transformada em algo mecânico, atribuindo aos seres humanos apenas as atividades de cunho criativo, estético, autônomo e complexo na profissão e na vida pessoal (DE MASI, 2001). Na era pós-industrial, ao contrário da industrial, o trabalhador além dos membros (mãos e pés) pode, enfim, usar o cérebro (DE MASI, 2000a).

Fechando este item, é possível perceber ao ler as obras já mencionadas de Domenico De Masi que ele reconhece os valores – estratégicos e humanos – da criatividade e sugere o quanto esse reconhecimento pode elevar o resultado dos ambientes de trabalho e fazer com que os trabalhadores explorem ao máximo sua criatividade e habilidade de trabalhar em grupo, levando-se em consideração que a criatividade será a força matriz do trabalho no futuro, ou já é nos locais onde predominam as características da Sociedade Pós-Industrial. A seção a seguir esboçará algumas impossibilidades de tal empreendimento teórico.

DA IMPOSSIBILIDADE ESTRUTURAL: DE MASI EM “JULGAMENTO”

Antunes e Alves reconhecem que os trabalhadores das sociedades atuais já não são mais aqueles do taylorismo/fordismo; entretanto, a diminuição deste tipo de trabalhador não quer dizer o fim (ou amenização) da exploração do trabalho, mas que vêm surgindo formas de trabalho mais flexíveis (refinamento da exploração) e desregulamentadas, “reduzindo fortemente o conjunto de trabalhadores estáveis que se estruturavam por meio de empregos formais” (ANTUNES, ALVES, 2004, p. 336). Ao contrário de De Masi, que vê o trabalho flexível como algo ‘positivo’ das sociedades pós-industriais, Antunes e Alves veem o quanto a flexibilidade precariza as condições e relações de trabalho, tirando-lhe benefícios antes conquistados historicamente.

Estes autores reconhecem que o trabalho dentro da realidade do capitalismo de acumulação flexível é marcado pela progressiva flexibilização, que ao invés de novas

oportunidades e qualidade de vida, encontra um tipo de trabalho que é “precarizado, parcial, temporário, terceirizado, informalizado etc., além de enormes níveis de desemprego [...]” (ANTUNES, ALVES, 2004, p. 338).

Mesmo o teletrabalho, uma forma de trabalho que De Masi (2000a) vê como salutar, por não precisar sair de casa para ser realizado, Antunes e Alves compreendem que é só mais uma maneira de aumentar as formas de exploração do trabalho, onde o trabalho doméstico se mescla com o trabalho produtivo (ANTUNES, ALVES, 2004). Os autores mencionam ainda os empregos do tipo *part-time*, onde com menos horas de trabalho, acredita-se ter mais tempo livre e qualidade de vida, quando, na verdade, é uma forma mais precarizada³ de trabalho.

Diante disso, podemos rememorar que atualmente existem muitos discursos ideológicos que proclamam criatividade, resiliência, proatividade, empregabilidade, “capital humano” etc. como exigências para as empresas modernas. Este argumento precisa ser colocado sob observação e visto com cautela, pois as regras do jogo estipuladas nas últimas décadas demonstram o contrário, isto é, uma enorme precarização das condições e relações de trabalho em nível global, sobretudo a partir do advento da acumulação flexível do capital. Assim como mostrou Marx (1983, p. 263), “o motivo que impulsiona e o objetivo que determina o processo de produção capitalista é a maior autovalorização possível do capital, isto é, a maior produção possível de mais-valia, portanto, a maior exploração possível da força de trabalho pelo capitalista”. Logo, a exploração toyotista (flexível) significa estruturalmente um refinamento da exploração fordista.

Outro aspecto que merece atenção diz respeito à substancial heterogeneidade e fragmentação presentes no mundo do trabalho hoje, que não permite tratar determinadas categorias de forma homogênea. Por exemplo, falar de um suposto ócio criativo, de forma genérica, oculta uma conclusão pertinente e relevante presente nos estudos críticos do trabalho, ou seja, que o fenômeno se revela de forma muito pontual. Como oportunamente afirma Leite (2000, p. 69-70):

Os efeitos relacionados às melhorias das condições de trabalho, principalmente no que se refere à estabilidade, remuneração e qualificação da mão-de-obra – que muitos dos primeiros estudos sobre reestruturação produtiva identificavam nas empresas líderes dos setores de ponta dos países avançados – não atingem o conjunto do mercado de trabalho como se pressupôs inicialmente, mas apenas uma parcela dele.

As modificações nas estratégias empresariais e na organização de tarefas no

³ É perceptível na leitura de Antunes e Alves (2004) que a precarização do trabalho está intimamente ligada com a perda da humanidade do trabalhador, além da instabilidade pela qual este é acometido.

capitalismo de acumulação flexível se devem às novas concepções de administração do trabalho, baseadas, segundo Pochmann (2001), na redução dos níveis hierárquicos; na diminuição das funções de chefias; na introdução de sistemas participativos e abertos de decisão; no treinamento do pessoal de administração e de produção; na adoção de programas de envolvimento do trabalhador com os interesses da empresa através de instrumentos de participação e decisões; na integração do trabalhador na empresa por meio de motivação pessoal - programas de esportes, lazer, QVT, etc.; e na redinamização das relações de trabalho, com o objetivo de evidenciar a transparência e a credibilidade da cultura da empresa. Estes programas de motivação são, parafraseando Bresciani (1996), ideologias que buscam uma nova postura profissional, mas colaborativa e, portanto, mais submissa.

Desta forma, no novo cenário, emergiram novas condições e relações de trabalho no capitalismo de acumulação não mais rígida, mas sim flexível. Flexibilidade esta dos mercados de trabalho, das relações de trabalho, dos mecanismos de seguridade do trabalhador, da produção, dos produtos, dos consumidores, dos sindicatos, das negociações coletivas, etc. Tal ambiente trouxe para o capital uma série de benefícios que o dinamizou e possibilitou a expansão refinada da exploração do trabalho (mais subjetiva no sentido de cooptação). No entanto, a grande massa que vive da venda de sua força de trabalho sofreu perdas irreparáveis ao longo do processo. Além do desemprego ocasionado por todas essas mudanças, ocorreu uma enorme precarização do trabalho, pondo em xeque a reprodução social dos desprovidos dos meios de produção.

Padilha (2010, p. 550) entende sistematicamente essa precarização como:

a) desregulamentação e perdas dos direitos trabalhistas e sociais (flexibilização das leis e direitos trabalhistas); b) legalização de trabalhos temporários, em tempo parcial, e da informalização do trabalho; c) terceirização e quarteirização ('terceirização em cascata'); d) intensificação do trabalho; e) aumento de jornada (duração do trabalho) com acúmulo de funções (polivalência); f) maior exposição a fatores de riscos para a saúde; g) rebaixamento dos níveis salariais; h) aumento de instabilidade no emprego; i) fragilização dos sindicatos e das ações coletivas de resistência; j) feminização da mão-de-obra; e k) rotatividade estratégica (para rebaixamento de salários).

Neste sentido, diante da expansão estrutural da precarização, a visão demasiana acerca do futuro do trabalho vem carregada de muito otimismo (o próprio autor afirma vivenciar o ócio criativo!). Ao especular sobre qual será a forma dominante de trabalho no futuro pós-industrial, De Masi conduz a pensar que formas de flexibilização do trabalho não trarão consigo condições precárias ou instáveis na vida do trabalhador, como foi visto no presente tópico. É necessário

confrontar as leituras para os dois lados do problema: a visão otimista demasiana e autores da sociologia do trabalho que enfatizam a flexibilização, desregulamentação e precarização do trabalho no mundo capitalista atual, objetivando, através do exame crítico, fazer um balanço de nosso tempo presente. Sem esta possibilidade crítica o discurso demasiano não vai muito além de uma tendência pouco projetável para as massas de trabalhadores que vivem sob a necessidade da coerção do salário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A hipótese geral deste ensaio considerou que o conceito de ócio criativo, certamente o núcleo central da obra demasiana, cai de paraquedas num certo otimismo funcionalista, tornando o lazer um mecanismo fortemente compensatório e pouco transformador. Considerações críticas sobre a noção de ócio criativo inviabilizam pensá-la como uma realidade global ou mesmo como uma tendência. Dizemos neste ensaio que, ao contrário, para além do otimismo do conceito, trata-se de uma contra tendência. Pior! O conceito termina funcionando como mais um fetichismo criado na modernidade capitalista.

Domenico De Masi traz contribuição à teoria social na medida em que discute a necessidade de redução da jornada de trabalho e o aumento do uso do tempo livre, dando sentido ao trabalho sem reduzir o lazer a um tempo social sem relevância ou de mero entretenimento. Contudo, sua obra esbarra em um otimismo funcionalista diante de tendências estruturais do capitalismo que, em suma, tornam seu conceito de ócio criativo um potencial instrumento compensatório, isto é, uma válvula de escape, como pontua Valquíria Padilha.

O lazer compensatório funciona, de acordo com a própria lógica funcionalista, como uma válvula de escape que ajuda a manter a sociedade supostamente em equilíbrio, pois não propicia às pessoas nenhuma alternativa transformadora. Este tipo de lazer que conhecemos e vivemos hoje é conservador da ordem vigente, ou seja, não favorece oportunidades de tornar o homem mais criativo e mais consciente de que é preciso romper com o círculo vicioso de 'trabalho alienado à lazer compensatório à trabalho alienado novamente', o qual já foi lembrado pelos autores da Escola de Frankfurt (PADILHA, 2002, p. 126).

Não querendo apressar nenhuma avaliação de sua obra, mas arriscando neste ensaio uma apreciação especulativa, pelo que parece a noção de ócio criativo mais expressa ser uma propaganda de que o mundo está melhor do que o entendimento crítico de certas tendências regressivas de nossa época. Em outras palavras, ócio criativo é mais uma situação conjuntural de certos grupos que gozam de ocupações intelectualizadas do que uma tendência estrutural.

Para a grande massa dos trabalhadores a coerção do salário ainda é a regra do cotidiano. O mérito do conceito de ócio criativo, que seria um esforço, ora metodológico, ora humanístico para se pensar a relação entre prazer e tempo livre, perde-se em sua pretensão enquanto tendência geral.

De Masi se torna, em seu funcionalismo, mais um potencial ideólogo do que um crítico de nosso tempo. Sua obra se perde em um projeto utópico marcado por um falso encantamento diante de possibilidades tecnológicas que não libertaram o sujeito das amarras do capital, tampouco das distintas ideologias. “Nunca antes a tecnologia esteve em condições de evitar tanta fadiga física: graças às máquinas automáticas e aos robôs, é possível agora delegar a essas prodigiosas próteses todo o trabalho brutal, tedioso, perigoso, repetitivo, banal” (DE MASI, 2002, p. 80). De Masi parece desconsiderar, por exemplo, sequer o caráter repressivo e totalitário da técnica sob relações capitalistas (MARCUSE, 1973).

Contudo, De Masi, como sociólogo, embora afirme que “certamente, este não é o melhor dos mundos possíveis, mas certamente é o melhor dos mundos até agora existentes” (DE MASI, 2002, p. 81), não é ingênuo ao ponto de fazer um total elogio da globalização em seu estágio atual.

Estamos muito longe de uma globalização de igualdade, feita de intercâmbio igual dos homens, mercadorias e ideias entre mais países. Aqui nos encontramos perante uma globalização de um tipo imperialista pela qual os produtos americanos são impostos a todo o resto do mundo. Esse tipo de globalização faz crescer as injustiças e as desigualdades, pois os ricos tornam-se sempre mais ricos e os pobres tornam-se cada vez mais pobres (DE MASI, 2002, p. 62).

O autor não desconsidera certas assimetrias hegemônicas de poder, tampouco afirma que a desigualdade vem sendo eliminada. Contudo, sua teoria se perde na “crença” de que as sociedades pós-industriais irão, a partir da técnica moderna, conduzir um processo de valorização do tempo livre e de humanização do trabalho.

Neste sentido, sua tese central não resiste a uma apreciação crítica fora dos limites do funcionalismo. Primeiro, a discussão se perde no “devir” das possibilidades de uma realidade pouco material em termos de concretude.

Mas o frenesi do trabalho e da carreira, colocado em primeiro lugar na hierarquia da existência, é um falso valor, uma falta de sabedoria característica da sociedade industrial e consumista, totalmente inclinada para o poder e o dinheiro, o sucesso e a competitividade. Isso deve ser substituído o mais rápido possível por uma sociedade pós-industrial finalmente estruturada sobre valores de introspecção, amizade, amor, divertimento, beleza, convivência, solidariedade, criatividade (DE MASI, 2002, p. 84).

O trecho acima exemplifica o aludido. Que a ideologia do amor pelo trabalho é um falso valor não negamos, mas não há como se estabelecer projeções especulativas a partir de casos isolados, desconsiderando as divisões territorial e internacional do trabalho e a expansão da acumulação flexível do capital.

Segundo, o conceito de ócio criativo somente se aplica em contextos de autonomia econômica e para trabalhadores qualificados ocupantes de atividades criativas, que gozam de tempo livre para o cultivo pessoal em lazer e cultura, fato estranho à boa parte da força de trabalho global que trabalha pela coerção do salário.

Por fim, buscando dar um desfecho a esta primeira investigação sobre De Masi, o trecho abaixo resume didaticamente o otimismo funcionalista do ócio criativo.

Um outro valor para ser ensinado aos jovens é o ócio criativo, ou seja, a capacidade, hoje fundamental, de não separar mais o trabalho do estudo e do tempo livre, como antes se fazia na sociedade industrial, mas de unir essas três coisas, isto é, conseguir trabalhar para produzir riqueza e, concomitantemente, estudar para produzir conhecimento e divertir-se para produzir alegria. [...] A escola industrial ensinava que, quando trabalhamos, devemos somente trabalhar e, quando nos divertimos, devemos somente nos divertir. A mesma coisa vale para o estudo. Por isso nós acreditamos que, quando se trabalha e quando se estuda, é preciso ser sérios, porque o divertimento e a alegria são coisas de criança. Na nossa sociedade, a escola encarrega-se de acompanhar progressivamente as crianças da fase da brincadeira alegre à fase do trabalho triste. A escola é um tirocínio de tristeza, é uma progressiva repressão da alegria. Mas o ócio é uma arte que deve ser ensinada, aprendida e apurada. Não basta ter tempo livre; é indispensável ter a cultura necessária para transformar o ócio de um estado de passividade em um estado de criatividade (DE MASI, 2002, p. 85).

Logo, constata-se que, confrontando com estudos que apontam a tendência estrutural da degradação (precarização/flexibilização) do trabalho (ANTUNES, 1995) e o caráter ideológico (e reificado) das atividades realizadas durante o tempo livre (ADORNO e HORKHEIMER, 1985), percebe-se que seu conceito nuclear está aprisionado em um recorte empírico muito limitado, isto é, sob as condições vigentes, dificilmente se tornará uma realidade expansiva. Diríamos mais: sob o escudo da indústria cultural e do espírito do toyotismo, dificilmente a desejada criatividade irá se impor em sistemas sociais nos quais predominam a barbárie estética e grandes massas de desempregados/precarizados. De Masi, apesar de seu humanismo, cai num otimismo de certas situações particulares, minimizando tendências históricas e acentuando aspectos desejáveis, porém irrealizáveis sob o capitalismo tardio.

Para encerrar, o trecho a seguir de Padilha (2003) ironiza e conclui, de forma didática, a premissa geral deste ensaio:

Acredito que quem glorifica a existência da 'civilização do tempo livre' e do 'ócio criativo' (Gorz, De Masi, Aznar dentre tantos outros) ou não tem consciência da realidade de países onde reina a miséria e a desigualdade ou quer ficar famoso e rico vendendo ilusão aos desesperados (PADILHA, 2003, p. 253).

A passagem acima ilustra nossa hipótese: a obra de Domenico De Masi não encontra sustentação empírica em termos de possibilidades para além do *status quo*. O ócio criativo, sendo estimulado pelo capital, será mais uma manobra ideológica para a cooptação subjetiva dos trabalhadores.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. Teoría de la pseudocultura. In: ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. **Sociológica**. Madrid: Taurus, 1966.
- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez, 1995.
- ANTUNES, Ricardo; ALVES, Giovanni. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 87, p. 335-351, maio/ago. 2004.
- BRESCIANI, Luís Paulo. Flexibilidade e reestruturação: o trabalho na encruzilhada. **Anais... ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS**, 20. Caxambu, outubro, 1996.
- CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. Lazer: Concepções e significados. **Revista Licere**, Belo Horizonte, v. 1, n.1. p. 28-36, 1998.
- CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social**: uma crônica do salário. 7. ed. Tradução de Iraci D. Poleti. Petrópolis: Vozes, 2008.
- DE MASI, Domenico. **A emoção e a regra**: os grupos criativos na Europa 1850 a 1950. Tradução de Elia Ferreira Edel. Rio de Janeiro: Olympio, 1999a.
- _____. **Desenvolvimento sem trabalho**. Tradução de Eugênia Deheinzelin. São Paulo: Editora Esfera, 1999b.
- _____. **O ócio criativo**. Entrevista a Maria Serena Palieri. Tradução de Léa Manzi. Rio de Janeiro: Sextante, 2000a.
- _____. **O futuro do trabalho**: fadiga e ócio na sociedade pós-industrial. Tradução de Yadyr A. Figueiredo. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000b.

- _____. **A sociedade pós-industrial**. 3 ed. São Paulo: Editora SENAC, 2000c.
- _____. **A economia do ócio**. Tradução de Léa Manzi, Pedro Jorgensen Junior e Carlos Irineu W. da Costa. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.
- _____. Diálogos criativos. In: DE MASI, Domenico de; BETTO, Frei; BOLOGNA, José Ernesto. **Diálogos criativos**. Tradução de Juliana Salvetti. São Paulo: Deleitura, 2002.
- LEITE, Márcia de Paula. Trabalho e sociedade em transformação. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 2, n. 4, p. 66-87, jul./dez. 2000.
- MARCUSE, Herbert. **A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. v. 1, Livro Primeiro, Tomo 1. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- PADILHA, Valquíria. Qualidade de vida no trabalho num cenário de precarização: a panacéia delirante. **Trab. Educ. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 7. n. 3, p. 549-563, nov. 2009 / fev. 2010.
- _____. Se o trabalho é doença, o lazer é remédio? In: MÜLLER, Ademir; DACOSTA, Lamartine P. (orgs.). **Lazer e trabalho: um único ou múltiplos olhares?** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.
- _____. A indústria cultural e a indústria do lazer: uma abordagem crítica da cultura e do lazer nas sociedades capitalistas globalizadas. In: MÜLLER, Ademir; DACOSTA, Lamartine P. (orgs.). **Lazer e desenvolvimento regional**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.
- POCHMANN, Márcio. **O emprego na globalização: a nova divisão internacional do trabalho e os caminhos que o Brasil escolheu**. São Paulo: Boitempo, 2001.
- TÜRCKE, Christoph. Hipertexto. In: DURÃO, F., ZUIN, A.; VAZ, A. (orgs.). **A indústria cultural hoje**. São Paulo: Boitempo, 2008.

Endereço para correspondência

Campus Universitário Central, Rua Professor Antônio Campos, s/n, BR 110, km 48, Bairro Costa e Silva - Mossoró/RN | 59600-000



Recebido em:
05/11/2017
Aprovado em:
06/12/2017